A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

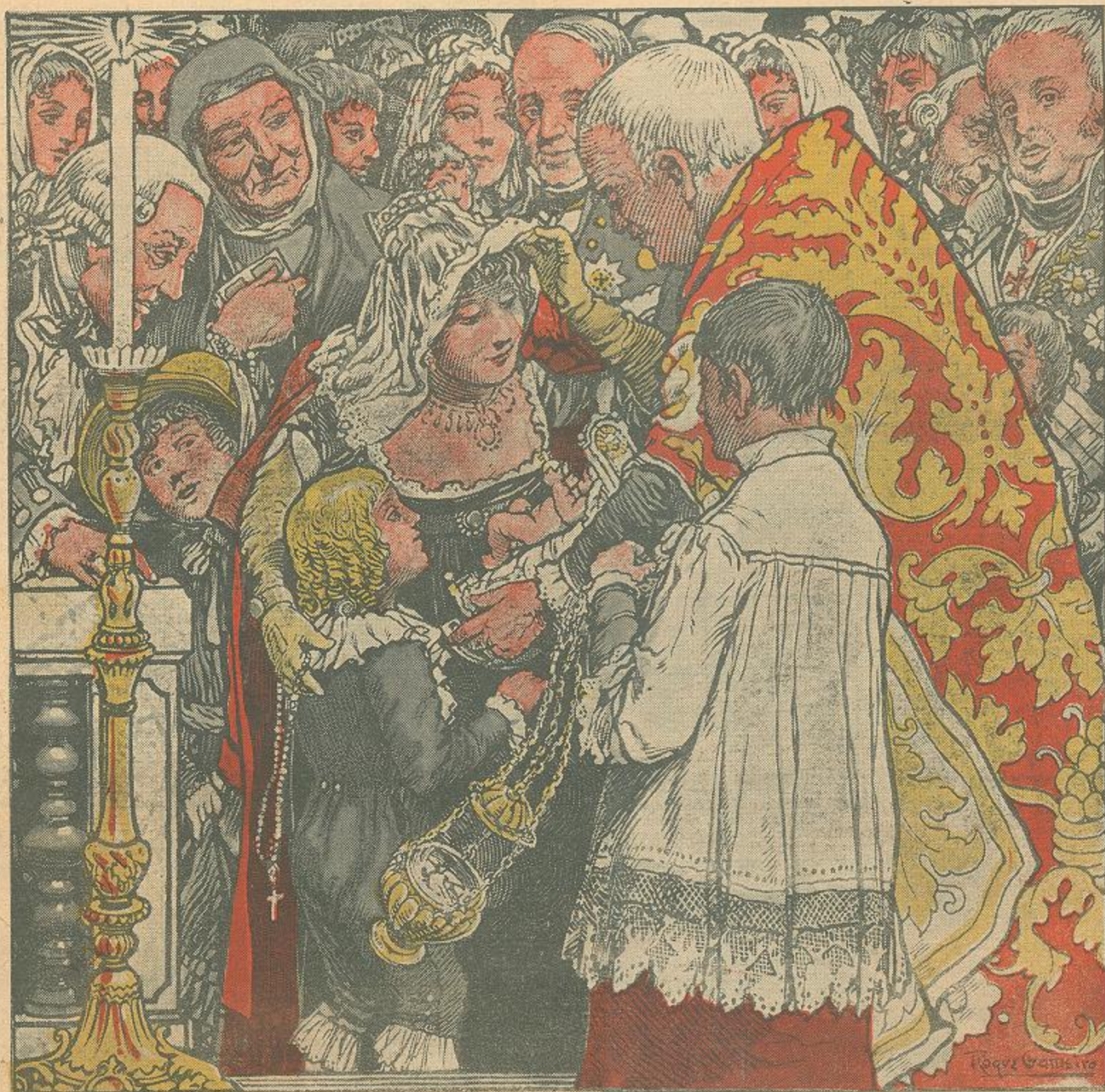
NUMERO 50 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 20 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A cerimonia da exposição do menino nos templos de Lisboa

(Desenho inédito do grande artista Roque Gameiro).

Entre a multidão onde afloram cabeças que são admiraveis expressões da Raça, o sacerdote expõe o simbolo de eterna graça que é o *Menino Jesus!* Paz aos homens, paz nos corações! — Que a curta vida que vivêmos, seja mais de beleza que de tentação, mais de bondade que de rancor!

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 50

LISBOA 27 DE DEZEMBRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS— D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

A velha pagina

Acabo de folhear um velho numero do magazine inglez «The Grafic». Reproduz os aspectos da recepção que Lisboa fez ao rei Eduardo VII em 1903.

Atravez as reconstituições dos desenhadores que acompanharam o grande rei a Portugal, têm-se a impressão duma sumptuosidade em que os nossos olhos, habituados á miseria sordida em que hoje aqui vivemos, não acreditam.

Lisboa aparece como uma cidade risonha, tranquila e festiva, onde as bandeiras do Terreiro do Paço e as gaivotas do Tejo dão o ar duma alegria que nos parece impossivel nesta terra.

E lembrar-mo-nos nós que o pôvo, o bom povo da guitarra, do Senhor da Serra, da facada e do S. João, é o mesmo—e que apenas uma onda de doentia desorientação atacou os que têem as responsabilidades de lhe não tornar a dar a felicidade que ele ha tanto inconscientemente perdeu...

Outro «truc» dos revisores

Claro que ha revisores da C. P. honestos, velhos funcionarios que merecem o nosso respeito. Mas ha outros que parece que passam a vida a engendrar complexos vigarios.

Vejamos este que é audacioso e autentico: Um revisor que gira no rapido do Porto coloca no alicate um pedacinho de madeira que faz com que este não fure os bilhetes. Assim no dia seguinte tem alguns com a data da vespera e sem serem revisados.

Pede a um passageiro o bilhete e depois de o examinar, substituido pelo bilhete da vespera, regeita-o sob o pretexto de que a data está errada.

O passageiro protesta: Que o comprou agora mesmo, que não paga outro, que não tem culpa dos enganos das meninas.

—O revisor: Está muito bem, mas isso é depois para a reclamação que o sr. fizer... Agora tem que pagar outro. Depois, mais baixo, acrescenta: a não ser que não venha o fiscal...

Da posse dum bilhete com a data do dia, o revisor vende-o mais adiante e mais barato a um passageiro sem bilhete, dizendo que outro que seguia para o Porto saiu antes e lh'o deu.

Voltando a encontrar o primeiro passageiro no corredor;

—O sr. tem sorte; o fiscal não veio. Eu gosto de «fazer o geito...»

Quando chegarmos a Campanhã, eu tiro-lhe um bilhete para S. Bento. São 2$50... E assim escusa o sr. de mais massadas e reclamações...

O passageiro aceita. Resultado final: Venda dum bilhete por 80 escudos ao passageiro que o não traz; cobra percentagem num bilhete de Campanhã a S. Bento, e apanha uma gratificação do passageiro que se supõe livre de ter de pagar outros 100 escudos pelo engano...

ELOQUENCIA

ELA—Não sei onde está a razão para nós as mulheres sermos inferiores aos homens!
ELE—Mas filhinha! Quem foi que disse uma coisa dessas ? ? ? ? ?

Má língua

VERSOS DE AMOR

INSACIEDADE

Vae o meu coração buscando ancioso
uma ternura irmã que o comprehenda
e alegre a escuridão da minha senda
e aplaine o meu caminho pedregoso.

Alongo o olhar. No dia nebuloso
oiço vozes cantar, sem que as entenda;
como um segredo que se não desvenda
adivinho um cortejo mysterioso...

Vultos... Se um vem a mim, lógo supponho
sob as roupagens leves do meu sonho
tocar um corpo, voluptuoso e nu...

Vae-se... Outro vem... Quem chama? O que me enléva?
Aquella nuvem? O silencio? A tréva?
Sombra que passas no caminho! — E's tu?

AGENDA

—2—Hontem conheci-a. Não é feia.
—3—Vi-a. Com que geito ella se alinda!
—4—Não sei. Não a comprehendo ainda..,
—5—Não sei... Mas não me sahe da ideia!

—6—Tenho mêdo della. Analysei-a...
—7—Como ella olhou! Que luz infinda
poz no olhar!—8—E' linda! Linda! Linda!
—10—Coração... Num beijo se incendeia...

—1—Novo mez. Que sol! Pela janella
olho o céu. Como é bom, á espera della,
poder gritar ás nuvens: — Sou feliz!

—28—Tarda. Inda se sente amuada?
—29—E não vem... E não diz nada...
—30—Mas santo Deus! Que mal lhe fiz?

REINCIDENCIA

Suppuz morta e bem morta a phantasia
que para mim te trouxe, ha mais de um anno.
Bem sei. E' vario o coração humano...
Tambem cuidava morto o que eu sentia.

Hoje nos prende quanto nos prendia,
num desejo maior, mais soberano,
como se a sensação de um mutuo engano
desse, a um peccado egual, outra poesia!

E eu que da flor morena do teu seio,
de toda a febre que de ti me veio,
só guradára saudade e desconforto,

senti agóra o mesmo que sentiste:
—a chamma immensa que afinal subsiste
na cinza fria de um desejo morto.

ANOITECER

—«Cinge-a nos braços. Leva-a de mansinho
á fonte crystallina e murmurosa.
Respira essa frescura voluptuosa
que a sombra anda a espalhar pelo caminho.

Beija-a na bocca. A luz do seu carinho
torna a propria penumbra luminósa...
Acorda na sua alma de amorosa
a canção que adormece em cada ninho!»—

Ouvia-se o silencio... Na folhagem,
as correrias trémulas da aragem...
Prendi-a mais. Nenhum de nós fallava.

Mas entre a ma sa escura do arvorêdo
percebemos os dois este segrêdo
que a boquinha da Noite murmurava...

TAÇO

questão prévia

DESDE que me entendo cá neste reduzido mundo de escrever coisas raro tem sido o Natal em que, por obrigação ou a pedido, não tenho alinhado quatro frases alusivas á poesia da quadra que passa e ao seu simbolismo de confraternisação. Somando as cronicas natalicias, que tenho escrito, com toda a literatura do genero de que me nutri desde a mais tenra infancia, vejam os senhores se eu não tenho razão para fazer caretas aos numeros comemorativos do Natal, sempre gordos de paginas e de assunto obrigatorio.

Quando se trata de obrigação, emfim, lá se vai empurrando a pena atravez do Natal, como arado rombo rasgando terreno pedregoso, mas quando a cronica ou o conto natalicio são a pedido, como aqueles ultimos espectaculos que as emprezas anunciam com as peças caídas; então o lavrar da prosa torna-se tortura e os assuntos do Natal provocam vertigens.

Os senhores, naturalmente, conhecem a situação: ha uns sujeitos que dirigem uns jornais que ninguem lê ou manipulam uns almanaques que ninguem compra; directa ou indirectamente esses sujeitos conhecem toda a gente e como possuem no mais alto grau de desenvolvimento a defeituosa qualidade, tão portuguesa, de pedir, abordam com facilidade os forçados da pena e apresentam a sua prentensão:

—O meu amigo é que me vai fazer o favor de escrever uma coisinha bonita a respeito do Natal lá para a minha gazeta, numero especial, impresso a côres.

A gente desculpa-se: impossivel, imenso que fazer, falta de tempo para meditar o assunto e escrever a «coisinha».

—Ora, ora!... O meu amigo faz isso com uma perna ás costas.

E retira-se, o encostador, convencido de que as pessoas que escrevem são contorcionistas e que fazem gala em sentar-se á banca do trabalho com uma perna ás costas e outra debaixo da mesa.

Para estes, que fazem da profissão de escrever a ideia de que se trata dum numero de circo, tenho eu um remedio que infalivelmente aplico. Como não sei recusar a ninguem um artigo, mesmo indefinido, recorro ao Manual de Cozinha Literaria e escolho uma das numerosas receitas da literatura do Natal, pratos de resistencia a que basta variar o môlho para terem o aspecto de serem cozinhados de fresco.

Ha uma receita, a que eu chamo «criancinha arroxeada» que dá sempre os melhores resultados e agrada a todos os paladares. Toma-se uma criança tenra, de preferencia uma menina, entre os quatro e os sete anos, veste-se de farrapos, arroxeiam-se-lhe as carnes, cobre-se-lhe o rôsto de lagrimas e põe-se ao frio, numa noite de Natal, junto a um palacête em festa. Recheia-se o palacête com duas duzias de criancinhas louras, de ambos os sexos, uma arvore do Natal, algumas senhoras decotadas em roda e tres ou quatro cavalheiros de «smocking». Convem que os salões sejam fortemente iluminados e que a rua se mantenha naquela treva que é consequencia do conflito entre a Camara Municipal e as Companhias Reunidas. Quando tudo isto estiver suficientemente passado, faz-se abrir, com qualquer pretexto, a porta do palacête e dá-se entrada á criancinha esfarrapada, que é conduzida pela mão duma «bondosa senhora» até junto da arvore de Natal, onde é recebida pelas outras criancinhas vestidas de sedas e veludos, as quais, depois de dizerem varias ingenuidades acêrca do Menino Jesus e das funções de quinquilheiro que Ele nessa noite desempenha, presenteiam a pobresinha com uma grande boneca, se fôr menina, ou com um grande cavalo, se fôr rapaz. Polvilha-se isto tudo de ternura, humedecem-se os olhos das pessoas crescidas e em seguida cerram-se as palpebras da pequenada, fazendo dormir a criança pobre abraçada á sua boneca ou ao seu cavalo.

Serve-se ainda môrno.

ECOS

As profissões

Um pobre rapazito, que não tem as duas pernas, vende, numa carrocinha á esquina do edificio da Imprensa Nacional,jornais e lotaria. Ele que era um desgraçado que vivia de esmolas e não tinha, mercê da sua miseria fisica um rumo na vida onde vislumbrasse um clarão de esperança—arranjou uma profissão. Instalou-se no pequeno carrinho que a mãe caridosa conduz ao poiso habitual, e todas as manhãs abre pontualmente o estabelecimento.

Os trapos que o cobriam melhoraram pouco a pouco. Tem um caderno onde escriptura o movimento da «loja». Dir-se-hia que a sua face triste se animou doutra vida — ao contacto do trabalho e na convicção da sua utilidade.

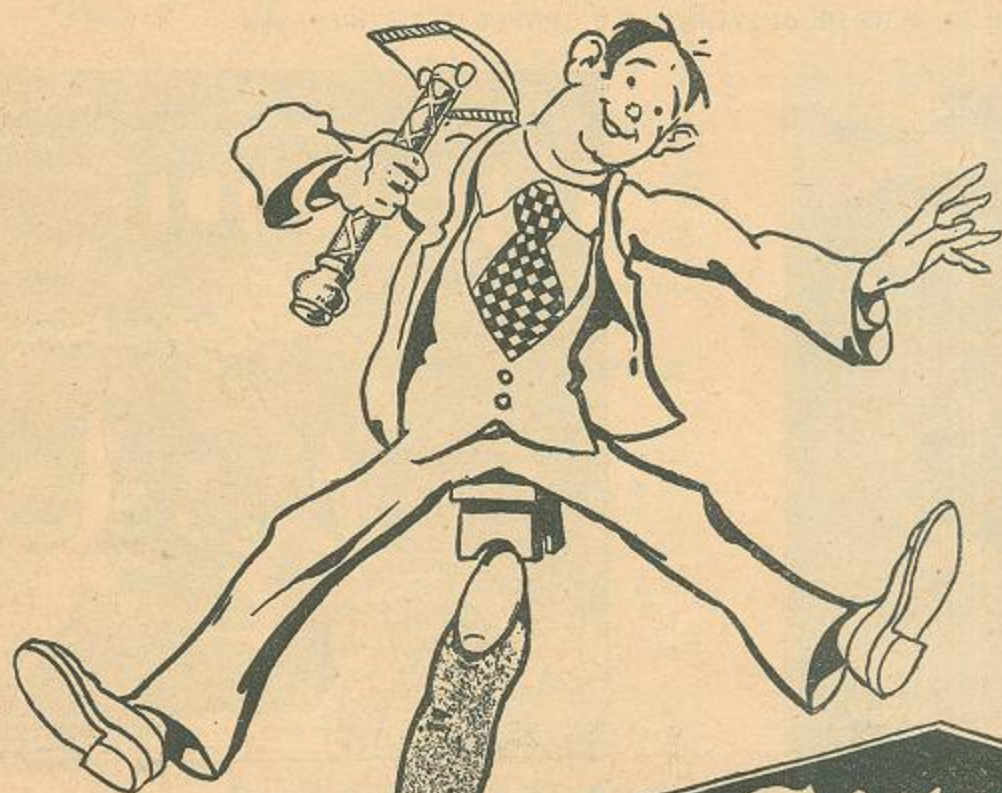
Quantos de nós, melhor dotados que o pobre aleijadinho não andamos mais desiludidos na vida—quando afinal nos falta apenas o «carrinho» apropriado para sermos uteis...

A epidemia dos "Taxis"

Afinal, tanta guerra ao principio por, parte dos automoveis de Praça aos Taximetros, e agora todos ostentam a bandeirinha!

Este caso faz-nos pensar na grande utilidade que haveria em inventar... «Taxis» para calçado, fatos e mais coisas necessarias á vida... Seria talvez o unico remedio!

PROCESSO DE CURA

—Siga V. Ex.ª os meus conselhos de medico! Seis horas diarias a lavar roupa e esfregar dois ou tres lances de escada por dia, e ficará curada dos seus ataques de nervos!

COM
A
TRADE Gillette MARK
faz-se a
barba
NA
PONTA
DA
UNHA

ESPINGARDARIA CENTRAL
G. HEITOR FERREIRA
SUCESSOR A. MONTEZ
ARMAS — MUNIÇÕES
TODOS OS APETRECHOS PARA CAÇA
Praça D. João da Camara, 3
(Vulgo Largo de Camões) ao Rocio
LISBOA

INSTITUTO DE BELEZA
LUZO BRAZILEIRO
AS ULTIMAS NOVIDADES PARISIENSES SÓ SE ENCONTRAM NESTE INSTITUTO
Desde o dia 1 de Fevereiro de 1926
Recebem-se as ordens dos Ex.mos clientes
Avenida Duque d'Avila, N.º 127, 2.º
Telefone N.º 1182

TONICO-LINA

O romedio dos fracos, remedio dos doentes, dos convalescentes e dos que sofrem dos pulmões.

Depurativo Dias Amado, Antonio — O grande purificador do sangue, base de todas as doenças que produzem diferentes anormalidades no organismo, como sejam feridas, chagas, tumores, etc. Éste *Depurativo* é o *unico*, até hoje, que cura a sifilis em todos os seus estados e que combate sempre todas as injecções e quaisquer outros mercuriais ou arsenicais.

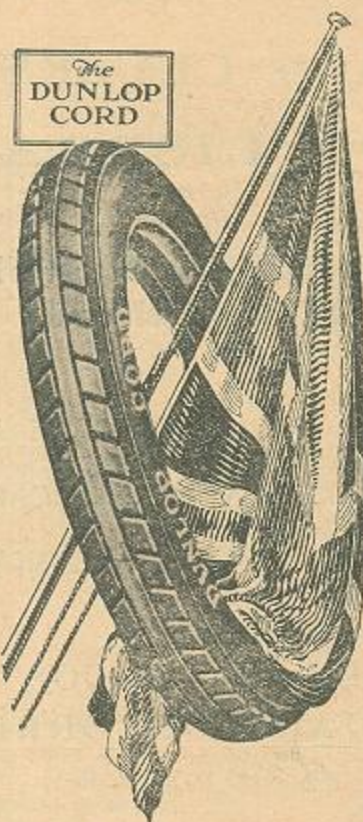
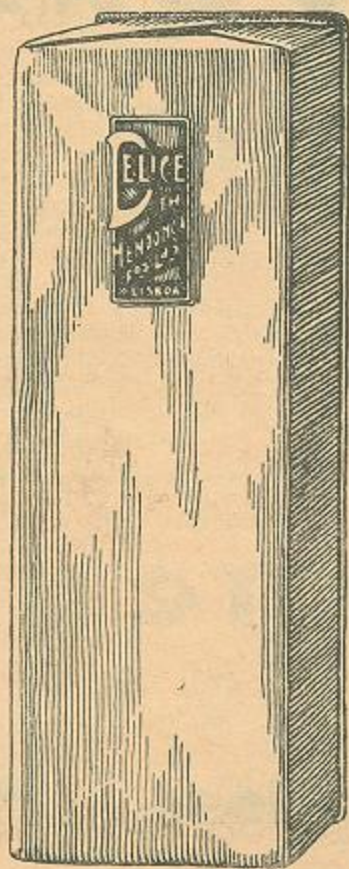
Consultas médicas diárias

Farmacia LUSO-BRAZILEIRA
PRAÇA DE S. PAULO, 21—Telef. C. 1667

FOTOGRAFIA
AMERICANA
Atelier SERRA RIBEIRO
Galeria de luz electrica e luz natural
RUA DO LORETO, 61 - LISBOA - Tel. T 219

TRABALHOS ARTISTICOS em todos os generos, em tom preto sepia ou sanguineo.
RETRATOS EM ESMALTE VITRIFICADO, E EM PORCELANA os mais perfeitos què se executam em Portugal.
RETRATOS LUMINOSOS A CORES a ultima novidade d'arte fotografica.
RETRATOS COLORIDOS pelos processos modernos a oleo, pastel e aguarela, a unica casa que os executa no paiz.
O UNICO ATELIER QUE EXECUTA OS SEUS TRABALHOS DE LUXO E ARTISTICOS NAS SUAS OFICINAS E NO ESTRANGEIRO

Visitem a nossa exposição e terão a confirmação nos nossos trabalhos.

DUNLOP

O MELHOR BRINDE DO NATAL

E' um frasco da celebre ESSENCIA DELICE
Especialidade da PERFUMARIA MENDONÇA
43, Calçada do Combro, 47—LISBOA Telefone Trindade 105

ALFAIATERIA
DE
ALFREDO COSTA & SOUZA
Limitada
EX-SOCIO TECNICO DA FIRMA ALFREDO COSTA Lda.

CONFECÇÕES EM TODOS OS GENEROS
PARA SENHORAS E CAVALHEIROS
AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO
OS MAIS MODESTOS PREÇOS DA ACTUALIDADE
ESPECIALIDADE EM FATOS DE RIGOR
ESMERADOS ACABAMENTOS

MERCADORES

ENORME SORTIDO DE FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
OS ULTIMOS FIGURINOS DE PARIS E LONDRES
RUA AUGUSTA, 141, 1.º — LISBOA
(ESCADA DO MANDARIM CHINEZ)

HUMORISMO

crónica alegre

O RIBEIRO, «CHIADO»

A edilidade lisboêta, que devemos respeitar uns porque a elegêmos, outros porque ainda não nos quizemos dar ao incomodo de fazer uma revolução para a desalojar — deliberou pôr na Ilha dos Galegos, em vez dum marco postal que lá existia, a estatua cadeirestre do poeta Ribeiro «Chiado».

Antes de mais nada, seria para levantar a questão, de qual é mais necessário na via publica, se um marco postal onde podemos lançar a nossa correspondencia urgente, se um poeta em bronze que apesar de estar com a mão estendida, não aceita nem sequer um bilhete postal.

Essa questão foi posta de parte e, em primeiro logar, suscitou-se a duvida, se o «Chiado» poeta déra seu nome á rua, se a rua Chiado déra seu nome ao poéta. Não se chegou, creio eu, a um juizo seguro.

Sobreveio, depois, outro ponto de vista: se o «Chiado» merecia ou não ter uma estatua. Que sim, que não, que «Chiado» nada era na historia literaria portuguêsa, que «Chiado», como satirico do seu tempo, podia ser posto a par de Gil Vicente, quanto mais não fosse pelo uso que ambos fizeram da obscenidade, etc, etc.

Sou um selvagem dos mattos do Conde de Redondo. De quando em quando, para vender especiarías literárias ou por desfastio, desço até ao litoral. Aí, encontro indigenas sabedôres de todos os assuntos do dia, e ouço, quasi sempre em silencio, o que me diz essa gente bem informada.

Quando, há trez ou quatro dias, empreendi uma dessas viagens, encontrei um dos meus mais ilustres confrades nas letras, que á porta duma livraria, estava indignado contra a estátua do pobre Chiado. Participou-me que, no dia seguinte, quando a Camara Municipal estivesse inaugurando o monumento, um grupo de homens de letras —e citava-me: Fulano, Beltrano, Cicrano, e o inevitavel Etc—faria um protesto publico, provando que «Chiado» não é digno de tão bronzea homenagem.

E o meu confrade concluiu, dizendo:

—Você, é claro, associa-se e comparece:

Numa voz sumida, em parte por modestia, em parte por certa rouquidão que ando tratando em varios especialistas de sistemas opostos, respondi:

—«Perdoem-me que não assista e não me encorpore no protesto. Por duas razões:

1.ª—Ninguem sabe para o que está guardado. E' muito possivel que, dentro d'alguns seculos e, quanto mais não seja, para aproveitar chapas de rua já colocadas, uma edilidade alfacinha se lembre de levantar-me uma estátua no Largo de S. André, senão na travessa de André Valente. Nessa altura, confesso que me seria muito desagradavel, no assento etereo onde tenciono subir, ouvir um grupo de homens de letras dessa época gritarem á roda do meu monumento: — «Esse senhor não foi nada na literatura do seu tempo e mênos ainda na literatura portuguêsa . . . Fóra com esse cavalheiro!» Muito embora uma pessoa tenha dois ou trez seculos de jazigo, essas cousas nunca são agradaveis e não devo fazer a outrem aquilo qne não gostaria que me fizessem.

2.ª—Ribeiro «Chiado», pelo que conheço da sua obra, não era tôlo de todo. Era um humorista, e em humoristas não ha que fiar. Não respeitam nada nem ninguem. Vamos que, em vez de confiar a sua voz de além-tumulo a uma meza de pé de galo, a entrega á estatua da Ilha dos Galêgos e, quando VV-Ex.as estive. rem lendo o seu protesto e gritando que, ele não foi nada na literatura portuguêsa, o camarada se levanta da posição cócorativa em que o esculptor o colocou e, metendo as mãos nos bolsos do gabão, pergunta serenamente: — E VV. Ex.as? Que são ou pensam ficar sendo na literatura do nosso paiz?— Nessa altura não sei o que responderão noventa e sete por cento dos protestários. Pela minha parte, se lá fosse, não responderia nada e safar-me-hía á capucha para a «Brazileira».

Explicadas assim as razões da minha ausencia ao protesto, lastimei de mim para mim que a edilidade lisboêta procedesse tão impensadamente. No caso déla, eu teria colocado naquêle logar, sobre um pedestal de granito, um cadeirão Mapple em bronze. Todos os dias um homem celebre da nossa terra, nas letras, nas artes, nas industrias, na fabricação de notas de quinhentos escudos, teria direito a sentar-se e a ser contemplado pelas multidões transeuntes. Um letreiro de tirar e pôr explicaria aos estrangeiros e provincianos quem era o festejado. Poder-se-hão até obter receitas para os cofres camárarios, quasi sempre exhaustos, alugando a estátua a pessoas ávidas de consagrações.

Dir-me-hão que este sistêma daria a meúde, em resultado, varios apupos, cacetadas e quiçá seu tirinho de arma de fogo. Não importa! A vida necessita de pitoresco e Lisboa é tão aborrecida!

E, se esta solução vos parecer tôla, ponham na estatua em vez do «Chiado», a mulher dêle. Ali, como em qualquer outro ponto de Lisboa, a Chiada estará sempre no seu logar.

AINDA AS NOTAS FALSAS

Mostraram-me ontem uma fotografia curiosa, destinada, segundo explicaram, a um semanario ilustrado. Tratase da «bicha» colossal de pessoas desejosas de trocar notas de quinhentos escudos nos escritorios do Banco de Portugal. A «bicha» dava a volta a trez ruas, nada mênos.

Ha anos no velho Martinho vi aparecer Fialho de Almeida, com aquele olho malicioso, que só Celso Herminio soube desenhar bem, perfeitamente assombrado.

—«Que é isso, Mestre? perguntei eu com o devido respeito.

—«Meu caro amigo, disse-me o grande José Valentim, venho d'ali, da Rua Nova da Palma, de ver passar a procissão da Saúde . . .

—«Com efeito, é dia dela . . .

—«Pois nunca na minha vida imaginei que houvesse tanta virgem em Lisboa. Ha duas horas que estão passando vestidas de branco e de véla na mão, e vim-me embora por não ver geitos de elas acabarem tão cêdo . . .

Tambem eu, ao mirar a «bicha» de que a fotografia, ao que parece, não dava senão uma palida ideia, fiquei assombrado de que houvesse em Lisboa tanta gente possuindo notas de quinhentos escudos. Quando me disserem que isto é uma terra de pelintras, vivendo com dificuldades, já sei que hei-de responder. Os senhores que se queixam sem razão, são, como as virgens, muito mais de onze mil.

DIALOGOS DE TRAZER POR CASA

—«A vida está impossivel, dizia-me ontem um amigo velho, já não ha dinheiro que chegue. As mulheres então,

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 4

BOM REMEDIO

Senhor! Uma esmolinha que ha tres dias que não come nada!
—Homem! Tome um aperitivo!

Numa das salas da Redacção de «O Domingo Ilustrado» está actualmente aberta ao publico uma notavel exposição de arte, a que, propositadamente nos não referimos no passado numero, esperando que os nossos colegas a ela primeiramente se referissem. Com efeito, o «Seculo» pela pena de Jaime Brasil—um espirito cheio de senso e de equilibrio – e outros jornais, entre eles o «Diario da Tarde» pela pena de Matos Sequeira e o «Diario de Lisboa» pela de Arthur Portela, referiram-se duma forma cheia de elogio á obra incomparavel da grande artista Sr.ª D. Raquel Roque Gameiro Ottolini, que este jornal conta no numero dos seus colaboradores principais, e á de seu irmão o distincto artista Sr. Manuel Roque Gameiro, ambos filhos do grande aguarelista Alfredo Roque Gameiro. A obra da Sr.ª D. Raquel Gameiro não sofre critica, porque é qualquer coisa muito acima do que é vulgar expor-se em Portugal.

A obra de Manuel Roque Gameiro, um pintor «intermitente»—pois que ha 12 anos não se apresentáva em publico, é cheia de interesse, e o melhor elogio que lhe fazemos é dizer que os seus «gouaches» são melhores do que a grande maioria dos trabalhos dos pintores «efectivos».

EXPOSIÇÃO ANTONIO SANDE

Tem constituido um grande exito de arte a exposição deste ilustre artista do grupo «ar livre» que se realisa no Salão Bobone. Antonio Saude que é um pintor cheio de personalidade vigorosa e de tanto talento como modestia, expõe este ano uma formosa galeria que ficaria bem nas mãos de bons colecionadores, sendo de esperar que o exito financeiro corresponda ao artistico, que já foi muito lisonjeiro.

PELO DEDO...

—Não negues! Tu compraste um automovel!

Sports

ECOS DE SPORT

Já vão decorridos alguns anos em que a natação em Portugal quasi que era desconhecida, e que Manuel Ryder da Costa dentro do Club Naval de Lisboa auxiliado por um grupo de nadadores, iniciou a campanha pró-natação.

Hoje felizmente, devido a esse grande impulso, alguma coisa se tem feito em favor da natação, principalmente nos Clubs de Sport.

Não basta.

E' preciso que a Liga Portugueza dos Amadores de Natação sáia do comodismo em que ultimamente tem vivido, que não sirva de barreira áqueles que tanto teem trabalhado e dado provas de competencia.

Torna-se necessario que as deliberações do Congresso Nacional de Natação sejam postas, quanto antes, em pratica, e só assim poderemos ver progredir a natação em Portugal.

Parece ter chegado o momento de Manuel Ryder da Costa demonstrar mais uma vez o seu valor, quer como dirigente, quer como organisador e de pôr em execução o seu formidavel trabalho sobre a Federação Portugueza de Natação apresentado no ultimo congresso e que tão tolamente foi debatido por aqueles que só teem servido de obstaculos ao desenvolvimento da natação; os seus actos o demonstram.

—Senhores Directores da Liga Portugueza dos Amadores de Natação, não exiteis em renunciar, pois a grande maioria dos nadadores estão desejosos que tomeis essa atitude, porque melhores dias a natação amanhã terá.

Jaime Artur Roussado dos Santos

Recortamos da «Foto Sport» duma entrevista com Ilidio Nogueira:

—Ha na sua vida de arbitro um caso curioso, um, ao menos, não ha?

—Ha. mais que um, até.

—Então conte o que agora lhe vier primeiro á lembrança...

—Foi na epoca passada, no Campo Grande, num desafio de 1.as categorias. A meio da segunda parte, o meu relogio parou. Como havia eu de marcar o final do encontro? Estava embaraçado, lá isso estava. A situação era, na verdade, dificil. No entanto, não perdi a serenidade. Em certa altura, o publico entra a gritar: «Está na hora! Está na hora!». Sei o que é o publico; conheço-o. Quando grita «está na hora!» é porque o seu grupo favorito está a ganhar e tem pressa que o desafio acabe. Deixei portanto passar mais uns momentos como desconto desse empenho do publico, e só então apitei para o desafio terminar. O publico não protestou e eu cheguei ao fim da arbitragem sem perigo de maior, embora sem saber a quantas andava... Foi um precalço. Aconteceu-me isso uma vez, mas não me aconteceu mais daí para cá. Quando entro em campo, o meu primeiro cuidado é dar corda ao relogio...

REMO

Emfim, os governos começam a fazer alguma coisa em pról do Sport, com o que só nos felicitamos. A realisação de desafios internacionaes veio ajudar, e poderosamente o nosso paiz a ser conhecido lá fóra.

O governo abrindo um credito para a realisação em Portugal dos proximos campeonatos de remo, fez com que as centenas de homens que neles tomarão parte, digam lá fóra que Portugal existe...

Cronica Alegre

(Continuado da pagina 3)

são insaciaveis. A minha acorda a pedir-me dinheiro. Pede-me ao almoço, ao jantar, ao chá da noite e, até dentro da cama, se não cança de mo pedir.

—«Mas para que precisa éla de todo esse dinheiro?

—«Não sei. Como nunca lhe dou nenhum...

ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS:

A primeira base do optimismo é o funcionamento regular dos intestinos.

* * *

Na vida ha só uma cousa que é exclusivamente nossa: a solidão.

* * *

A primeira palavra que as creanças pronunciam é «mamã», a não ser que seja «cócó». O mundo entrará numa nova fase quando a humanidade de cueiros começar por dizer: não.

* * *

Os estupidos são ás vezes muito incomodos; mas, se êles não existissem, como haviamos nós de saber que eramos inteligentes?

ANDRÉ BRUN

O CONCURSO DO CAMPEÃO

O nosso jornal continua hoje o concurso! Trata-se de ver quem acerta com o nome do Campeão de Lisboa em foot-ball, na Divisão de Honra, em 1925-26.

AS CONDIÇÕES SÃO:

Recortar o coupon abaixo e envia-lo' devidamente preenchido, a esta redacção—Secção Desportiva.

No caso do resultado ser um empate, servirá o numero de pontos dos outros classificados—para o desempate. No caso do empate subsistir, um sorteio, designará o vencedor.

Um valiosissimo premio será sorteado entre os leitores que acertarem.

O CAMPEÃO SERÁ

	pontos
Belenenses	
Sporting	»
Bemfica	»
Victoria	»
Carcavelinhos	»
União	»
Casa-Pia	»
Imperio	»

Nome

Morada

Siki, o negro que se tornou celebre pela derrota que infligiu a Carpentier, foi assassinado pela 2.a vez... pelas agencias telegraficas.

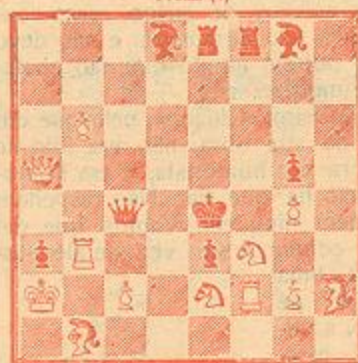
A derrota de Carpentier foi tão dura de roer que Siki tem que morrer por força...

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 49

Por S. Loyd

Pretas (0)

(Brancas (12)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

O tema d'este problema tem o nome de tubos de orgão pela disposição das peças que lembra este instrumento fazendo resoar na catedral alguma sinfonia de Bach.

Errata do Problema n.º 48. (Suprimir a Torre preta de 5 C D. Na primeira linha de solução em vez de T 6 D ler T toma Dama (T t D).

Fernando Alves Martins

Autor do problema que obteve o 1.º premio no nosso Concurso de Palavras Cruzadas, e que hoje publicamos.

PORTUGAL-FRANÇA

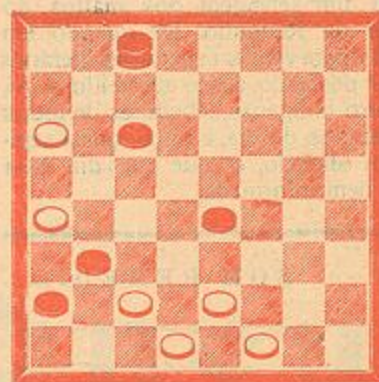
Uma excursão a Paris e Toulouse

Um grupo de «sportsmen» entusiastas pelo foot-ball está tratando de organisar uma grande excursão a Paris com paragem em Toulouse, por ocasião do primeiro «match» Portugal-França, que, como é sabido, se realisa nesta cidade do sul da França em 18 de Abril do proximo ano.

Solução do problema n.º 48

	Brancas	Pretas
1	19-23	26-19
2	18-22	17-26
3	6-2	1-15
4	20-24	31-20
5	7-11	20-7 (a)
6	2-11-22-31	
	Ganha	
	(a)	
5		15-8
6	4-11	20-7
7	2-16-23-20	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 49

Pretas 1 D e 4 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 47 os Srs. Artur Mascarenhas Martins, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, José Brandão, Um oficial (Foz do Douro) e Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo já conhecido amador das Damas, o sr. Carlos Gomes (Bemfica).

Errata.—No *Domingo Ilustrado* n.º 48 de 13 do corrente mez, lia-se, por baixo do diagrama do problema n.º 47, que as pedras brancas eram 8. Devia ter-se dito 7. Este erro foi talvez o motivo de alguns amadores não haverem tentado resolvel-o, supondo que faltava uma pedra.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

á sucapa...

O Teatro Nacional não existe!

Nós entendemos que o Nacional, com as leis que o regem, com os regulamentos que o alimentam e com os criterios que presidem aos seus trabalhos, não pode existir.

Por mais que se apele para o bom coração dos espectadores, por mais que se rogue, que se olhe o Nacional com caridade, nada se conseguirá! O Teatro Nacional Almeida Garrett não é, nem pode ser coisa alguma, tal como está constituido.

Precisa a sua organisação reformas, mas reformas radicaes, que vão desde a aposentação de meia duzia de societarios, á colocação devida e merecida de outros, que indevidamente ocupam logares de favor.

Ora essas reformas não podem ser feitas por quem contribuiu grandemente para o estado em que o Nacional se encontra.

Tem de ser feito por um grupo que não deva favores a ninguem nem de favores precise, por um grupo que talhe a direito sem medos de ser desagradavel ao senhor X que se oculta por detraz do biombo do camarim da actriz Z.

Emquanto isso não se fizer, o Teatro Nacional não será um teatro e, é em prol d'esta ideia que nós batalhamos.

Existem no Nacional, repetimos, valores de primeira plana—mas valores desarrumados. Falta a esse grupo uma gerencia forte que se imponha, que esteja a par das exigencias do publico d'hoje e da cultura europeia precisa para gerir um primeiro teatro.

Comprehendemos que sem um subsidio se não pode exigir que o Nacional seja Escola. Mas comprehendemos tambem que se não dê um subsidio ao que lá está. Porque Esther Leão, Ribeiro Lopes, Clemente, Maria Pia e outros mais não tenham valor? Não senhor. Todos têm o seu lugar, e o lugar destes é brilhante. Mas assim, como estão arrumados, o dinheiro que lá se puzesse seria perdido.

«Queremos que o Teatro Nacional Almeida Garrett, seja um teatro e não um guarda-jojas de familia!»

A nossa festa sensacional

A NOITE DE
Augusto Rosa

O *Domingo ilustrado* não precisa de esmolas para si. De esmolas não precisa a *Revista de Teatro*. A idoneidade moral das pessoas que dirigem estes jornaes, que são alguem e que não vivem de expedientes, está acima, muito acima, dos comentarios dos falhos de iniciativa e de faculdades.

Promovemos uma festa, uma festa teatral, uma festa legitima, de publicidade aos dois orgãos de imprensa que no publico portuguez tanta simpatia, em tão pouco tempo, têm conquistado. Vamos fazer uma homenagem a um grande vulto da arte dramatica. Não obrigamos ninguem a vir comnosco! Vamos, nessa homenagem, que será feita com riqueza, gastar o que for preciso. Vamos dar ao publico de Lisboa um grande espectaculo, cheio de interesse e de arte.

Se resultar producto liquido desse espectaculo, reservamo-nos o direito, que nos pertence, de o aplicar como entendermos. Só ao publico devemos contas—e a esse, estejam certos, dar-lh'as-hemos. Junto de nós, pelo que respeita a este jornal, trabalham operarios—e, esses são os nossos primeiros pobres. A nossa beneficencia, que não tem a hipocrisia da de certos jornais, é um facto. Mas havemos de orienta'la como quizermos e não como no-lo mandem!

A *Revista de Teatro* tem uma obra. Alen. dum registo precioso de centenas de actos originais portuguêses, tem publicado, com *enormissimos prejuizos materiais* livros que se destinam a glorificar figuras de teatro, que nenhum livreiro editaria! O seu arquivo de gravuras de gente de teatro custou algumas dezenas de contos—«que ninguem daria»! E' de mais que o magro fundo liquido duma festa de actores se destine ao fundo editorial de obras de teatro, que «só dão prejuizo e grande», e cuja publicação indiscutivelmente dignifica a mesma profissão de actor? Mas, repetimos, quem não quizer vir comnosco, não venha—os que vieram são dos melhores!

NO TEATRO DE S. LUIZ

A NOITE DE
Augusto Rosa

O primeiro acto será a consagarção do eminente actor, feita em scenario apropriado, tomando a palavra, na presença de todos os discipulos do Mestre Actor, Afonso Lopes Vieira, que evocará o perfil do glorioso artista. Estará em scena o magistral retrato de Columbano. Falará o ilustre academico Matos Sequeira, pelos criticos, e a gloriosa artista Lucinda Simões pelos artistas dramaticos portuguêses. Os 2.º e 3.º actos serão constituidos pela representação da peça «Punindo» fazendo os papeis os artistas seguintes, pela ordem da distribuição: Lucilia Simões, Amelia Rey Colaço, Leonor Faria, Ester Leão, Barbara Volkart, Alexandre de Azevedo, Carlos de Oliveira, Rafael Marques, Robles Monteiro, Theodoro Santos e Francisco Sena.

Seguir-se-ha a representação, sensacional tambem, do acto culminante da peça «Leonor Teles», obra prima de Marcelino Mesquita, em que Alves da Cunha, admiravel, interpretará o papel creado por Augusto Rosa, cuja tirada é de tanto brilho teatral. Acompanha-lo-hão os principais artistas da sua magnifica companhia.

Depois do espectaculo realisar-se-ha um grande «raout-artistico» em que tomarão parte as primeiras figuras de todas as companhias de Lisboa, devendo abrir essa parte da noite, tão cheia de interesse, a eminente artista Palmira Bastos. Servirá de introductor das figuras o notavel actor-empresario, Erico Braga, grande amigo desta casa.

á sucapa...

O grande "trust"

Diz-se que varias empresas se vão reunir n'uma unica, ficando a exploração de cinco teatros sobre uma mesma orientação.

E' uma segunda edição do «ciclo teatral» que morreu de mama e que tem por fim, entre outras coisas, «fechar a boca» a varios artistas que a abrem desmedidamente.

Achamos bem. Simplesmente duvidamos de que no fim de tudo não fique algum com a boca ainda mais aberta...

Nós e a Inspeção Geral dos Teatros

Muita gente de má vontade, tem querido vêr na forma porque falamos da Inspeção Geral dos Teatros uma má vontade ou embirração que não tem razão para existir. Já o dissemos: Entendemos que a Inspeção é absolutamente precisa e necessaria, e que não sódev e ter as atribuições que sustenta, como muitas outras. Simplesmente o que pretendemos, é que nesse Estabelecimento do Estado, se faça inteira justiça dôa a quem doer, e, nem sempre isso tem acontecido. Nada mais.

A Revista "De Teatro"

Saíu mais um numero da bela revista «De Teatro» o grande magazine teatral dirigido superiormente por Pereira de Carvalho e Mario Duarte que dia a dia vem augmentando as suas secções e o seu interesse. Insere alem da peça completa de Lourenço Cayola «A Derrocada», uma larga reportagem grafica de todas as peças actualmente em scena nos varios teatros, o que augmenta decerto o seu valor.

R. Jorge, L. Pereira, E. Braga e A. da Cunha

Queremos desde já salientar as facilidades que nos foram dadas, para a realisação da nossa festa, pelos ilustres emprezarios de Lisbôa, a quem fortissimas e pesadissimas contribuições e impostos oneram terrivelmente os respectivos negocios, e que, apesar disso, se dispuzeram ao sacrificio que a cedencia dos seus artistas representa.

Teatro Maria Vitoria

HOJE A APLAUDIDA REVISTA

FOOT-BALL

O maior sucesso da actualidade

S. Carlos — Companhia Lucilia-Erico «Principe João», enorme exito com Lucilia, Amelia Pereira e Almada.

S. Luiz — A opereta de grande sucesso «A Flor do Tojo».

Gymnasio — «Vida e Doçura» com Palmira e Gil Ferreira. Grande exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro «Seguro de vida».

Eden — Fechado temporariamente.

Nacional — A «Severa» com optimo desempenho. Reprise sensacional.

Apolo — «A Taberna» de Zola, colossal trabalho de Alves da Cunha com Adelina e Berta.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

SEM NINGUEM...

Historieta de verdade e sentimentalismo. Dor oculta que passa hombro a hombro contigo, leitor!

A verdade é que o passadio em casa de João não era grande. Ele era o unico a ganhar para a mãe, uma santa de cabelo muito branco que á força de muito chorar tinha perdido a luz dos olhos, e para a irmã uma transviada que bastantes desgostos tinha lançado sobre aquele pobre lar.

Mas sempre pelo Natal, com um carinho enternecedor, a mãe lhe arranjava um pires de arroz doce, palida lembrança dos antigos jantares de quando o pae era vivo, e a casa farta e cheia, mas que dava áquela festa de familia a nota pungente de um aniversario simples de paz e amizade.

Um dia, dia terrivel de chuva açoitando a vidraça, dia em que o vento gemia dolorosamente pelas esquinas a presagiar desgraça, a mãe, tendo João muito chegado a si, voltou para ele os olhos mudos, e, lentamente, como uma folha que cae devagarinho, tombou docemente a cabeça alva de neve sobre o hombro querido do filho, n'um derradeiro sopro de vida!

* * *

Desfolhadas as ultimas rosas no curto palmo de terra do Cemiterio do Alto de São João, a irmã, já perdida por leviandades anteriores, procurou rumo de vida, rumo incerto e tormentoso, e em breve, esqueceu a dôr (se dôr teve!) no bulicio alvar das noites de Club e das tremzadas para Nova Cintra, de cambulhada com outras e outros da mesma vida de estroinice, mergulhando de vez na vida inquieta dos sem norte, arrastando o luto da mãe, entre palavras negras de pecados e gargalhadas estupidas de falsa alegria.

* * *

João ficou só na vida, sem arrimo ao seu coração docil e carinhoso, perdido no labirinto horrivel dos que de

subito se encontram a braços com o desconhecido, de repente arrancados a uma vida egual, e colocados na febril realidade da existencia prezente, tão cheia de surprezas, de movimento, de traições e subtilezas.

Sem a voz amiga da mãe, saudando-o quando entrava em casa, sem os seus braços carinhosos, sem o seu regaço quente e amigo onde encontrava sempre o afágo ás suas fraquezas, isolado de repente na vida, sem um caminho definido, sem uma estrada indicada, sem um ponto de referencia, sujeito a ser enganado pela primeira miragem, João, quebrado pela dor enorme, não poude pensar na sua inexperiencia, não soube ver qual o melhor caminho a seguir e totalmente se entregou á sua desdita de sem ninguem, á sua infelicidade de perdido, ao seu desgosto de sosinho.

* * *

Noite de Natal!—Um ventinho frio, cortante como lamina d'aço, fazia estremecer de pena as arvores nuas da Avenida da Liberdade.

As pedras dos passeios luziam como espelhos açoitados pelas lampadas fortes que abriam clarões enormes nas montras das lojas.

Os automoveis passando, faziam espadanar a agua que em poças largas coalhava a rua larga, abandonada de quando em quando varada pelas rajadas fortes dos arcos voltaicos.

João, as mãos geladas encafuadas nos bolsos do sobretudo, chapinhando lama, procurava as paredes dos predios para fugir ao frio e á chuvinha miuda que quasi lhe tolhia os movimentos e lhe arrocheava os labios.

Os teatros e cinemas despejavam o publico que, rapidamente tomava os carros afim de se recolher á quentura do lar, a saborear a ceia tradicional, numa comunhão de alegria e amor á existencia.

Trepou a Rua Nova do Carmo, áquela hora abandonada, perdida no silencio da noite!

De uma janela sahiam agudas gargalhadas cristalinas que o fizeram estremecer todo e apertar mais as mãos, tolhidas de frio.

N'um trem, passou um grupo, em cantigas e rizadas, e a chuva miudinha, fria, penetrante, aguda e implacavel, caindo, caindo sempre, n'uma lenta tortura, era como um manto de pragas, cobrindo tudo.

* * *

Na Egreja do Sacramento, cantava-se a Missa do Galo. João, entrou a medo no templo, e o ar quente, acolheu-o, acarinhou-lhe suavemente á pele da face.

No alto, as luzes em louvor de «Deus-Nascido» brilhavam muito sobre o

fundo do negro. O orgão fazia descançar as almas, embalando-as n'uma prece de harmonia, e os fieis, ajoelhados, humildemente, rezavam ao Deus que viera nascer entre os homens.

João, comovidamente, ajoelhou tambem e, com os olhos cheios de lagrimas, baixinho, pediu a Deus que tivesse serena a alma da sua mãezinha, que não a desamparasse e que estendesse sobre a pobre velhinha um pouco da sua luz onipotente de grande pae.

* * *

João foi dos ultimos a sahir. Cá fóra a chuva cruel envolveu-o de novo e o frio de novo lhe maguou as faces.

Subiu o Chiado. D'um grande «restaurant», partiam as notas alegres e doidas d'um «fox-trot».

Lá dentro havia risos, mulheres decotadas que mostravam joias caras, homens de camisa branca que enchiam até a cima as taças luzidias. João sentiu uma grande amargura envolver-lhe a alma.

Aquela gente festejava a noite de Natal, ali, sem misericordia pela sua miseria, sem pena da sua dôr!

Dentro d'aquela casa, havia calor, comida á farta, risos, alegria, e ele ali, ao frio, sem ter jantado, triste... e sem ter feito mal a ninguem!... Subiu ao portal para fugir um pouco ao frio, aconchegou-se mais na sombra e, por uma nesga do cortinado olhou:

A sala estava cheia. Creados conduziam de meza para meza, enormes peças de carne, pratos fantasticos de comida, verdadeiras piramides de garrafas de vinhos finos!

Olhou os que festejavam o Natal. N'uma das mezas, entre outros e outras, a irmã, aquela que tinha feito cega com lagrimas a pobre velhinha, alargava a boca n'uma gargalhada forte, ao mesmo tempo que esfarelava um enorme «puding» que tinha em frente!...

João, sentiu uma extraordinaria sensação de raiva, uma palavra terrivel, morreu-lhe na garganta e n'um gesto decisivo, n'uma explosão, sahiu do humbral da porta e correu pelo Chiado abaixo.

* * *

Provou-se que o réu cometeu o roubo na madrugada do dia de Natal e com intensão criminosa, e, embora alegasse que foi n'um momento irrefletido e por ter fome, o juiz condenou-o a cinco anos de Africa. Segue amanhã no *Beira* para Loanda.

PREGÃO DE REVOLTA»—por Aristides Ribeiro—*(Porto, 1925)*.

E' uma carta aberta, em verso, ao Presidente do Ministerio, advogando a repatriação dos presos sociais. O verso é sempre correcto, em todo o sentido: metricamente, cortezmente. A influência de certas apóstrofes poéticas de caracter politico á Gomes Leal, é demasiado flagrante. Parafraseando o proprio auctor, pode dizer-se que neste folheto, se não há raivas de Danton, há frases de Junqueiro. O snr. Aristides Ribeiro, no entanto, defende a causa dos seus amigos politicos com tanta inteligencia que, sendo um revoltado, um anarquista, só emprega os mais respeitosos vocativos, como os de «ilustre presidente», «meu senhor», «senhor»... E' de bom diplomata.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Recebemos e agradecemos os dois primeiros numeros da revista «Portugalia» — superiormente dirigida por Fidelino de Figueiredo—, e, entre outras, as seguintes obras a que se irá fazendo a devida referência:—«Histórias côr de rosa» (2.ª edição) Ramalho Ortigão; «O meu crime»—Armando Ferreira;—«Os Senhores de Marnel»—Vaz Ferreira;—«O cortejo dos herois desconhecidos»—Eduardo Moreira.—«O Segrêdo da Morte»—M.me Frondoni Lacombe;—«Sendas de Amor e de Lirismo»—Ferreira de Castro.

UMA NOVELA IRONICA COMPLETA

Pós de Keating contra a má visinhança

Breve pagina de ironia em que a vida é analisada por um prisma alegre

E' uma qualidade portuguezissima e que se apresenta sob os mais variados aspectos, a má vizinhança.

Não falarei das formas contundentes e agressivas que por vezes atinge, como por exemplo, nos grandes ajuntamentos, nas bichas, que são perfeitamente bichas de... nos fazer rabiar e nos assaltos aos electricos, onde a ideia fixa e obstinada de conseguir um logar pendurado no troley ou na caixa das velocidades, nos faz ter um desprezo soberano pelas vidas dos que tiverem a desdita de se colocar entre o nosso desejo cego e o nosso objectivo.

Contra a má vizinhança de certos frequentadores de plataformas de electrico já eu ha tempos descobri um remedio eficaz.

Serve principalmente contra aqueles que, para não viajarem de pé, resolvem recostar-se, desabar mesmo, sobre os que lhe ficam mais proximos.

Foi com um desses que experimentei o meu invento.

Viajava numa plataforma e numa compressão propria de sardinha em conserva, quando um sujeito, que pela espessura, deveria, normalmente, preencher toda a lotação, resolveu nomear-se seu unico amparo e acomodou-se sobre mim com o ar ditoso de quem usufrue as delicias dum confortavel maple.

Procurei a principio não o contrariar nas suas aspirações de conforto, mas a certa altura pareceu-me que, sentindo-se bem instalado e achando talvez que eu lhe desempenhára bem o primeiro papel, procurava promover-me de maple a chaise longue ou a cama de casal.

Resolvi não aceitar a promoção e tirando o alfinete da gravata, fiz-lhe sentir atravez dos meus bolsos que as minhas molas eram um pouco asperas.

Como, porem, estava bem couraçado em tecido adiposo tal remedio não lhe fez grande mossa.

Então, perante a ineficacia deste sistema, usei do meio decisivo.

Num repelão e de chofre, baixei-me

retirando o meu corpo para um dos lados. Desprevenido, o tal vizinho incomodo, foi desabar e cair nos braços roliços duma opulenta senhora, muito mais genero maple do que eu. Foi uma tragedia.

Direi apenas que ao sair do carro ainda eles discutiam.

O homem foi multado porque a senhora vitima de tal desabamento, considerou o caso como ofensivo atentado ao seu respeitavel e encanecido pudor.

De certo o reu de tal crime não tornou a viajar ás costas dos parceiros. Achou que lhe saia muito mais caro do que viajar em vagon—lit.

* * *

Mas onde a má vizinhança mais se faz sentir é em nossas casas. Na verdade isto de recolher á paz do lar é uma cantiga.

Já a paz do lar, de portas a dentro é uma coisa muito relativa e é conforme o sentido e o significado que se atribuir a essa palavra tão doce pelo que representa, mas foneticamente tão agressiva.

Se porem temos vizinhos por cima ou por baixo, aspirar á paz é uma utopia.

Eu tenho a desdita de ter vizinhos por todos os lados.

Porem com a agravante terrivel de quasi todos esses vizinhos serem do sexo feminino e possuirem pianos. Tenho até um vizinho em frente, porque eu sou dos de ter vizinhos em frente—o qual possue—horror!!—um gramofone.

Neste momento estou eu sentindo os lamentos do tal aparelho que tem um catarro cronico e violentos ataques de tosse convulsa.

Parece até que para formarem o ambiente propicio á redacção desta cronica e como de proposito, todas as vizinhas resolveram fazer côro com o gramofone e, para cumulo, ouve-se uma serenata. Na minha rua anda esta doença de que são atacados varios caixeiros ao domingo, com pretensões a grandes Titos Schipas. Não passam, porem, de Titos de grandes Chispes.

Alem deste martirio a vizinha de cima agride-me neste momento com um noturno de Chopin, que nas mãos dela poderá ser quando muito, um guarda-noturno de Chopin; a vizinha do lado inicia a ofensiva a uma sinfonia de Beetowen, a vizinha de baixo atirou-se ao tango fatal e para cumulo da fatalidade, em frente o gramofone imita um moribundo no estertor.

Um perfeito jazz-band, mas um jazz-band completo, infernal, em que todos os vizinhos colaboram.

E' o que se chama estar perfeitamente bloqueado.

O purgatorio deve ser um paraizo, comparado com o meu suplicio.

Felizmente estes casos são rarissimos, porque contra eles só ha um remedio: uma bomba de grande potencia.

A vizinha do lado é, porem, a que mais desapiedadamente me martirisa.

Quando lhe dá para levar toda a noite a tocar sonatas não ha forma de conciliar o sono.

O 1812 tocado por ela lembra o 1755 no dia do terramoto.

Ha dias, tendo da janela declarado ao namoro, que iria tocar a dança macabra e como ele, que é um pouco surdo, extranhasse que na dança entrasse uma cabra, visto que segundo declarou só conhecia a dança do urso, ela mostrou exuberantemente ao piano que tal dança nas suas mãos dava a impressão de meter até um rebanho completo.

Depois executou ainda uma suite de Grieg, que tocada por ela é uma suite de a gente se vêr grego.

Hontem, foi tocar, segundo a previa declaração feita ao namoro, umas fugas de Bach.

Eu senti logo um baque no coração. Efectivamente as tais fugas eram de fugir.

Poderiam chamar-se, quando muito, umas fugas de gaz.

De tal natureza, que o vizinho que me fica imediatamente superior, julgando por certo que era eu o autor de tão barbaro atentado musical, iniciou sobre a minha pobre cabeça uma pateada furiosa.

Colocado assim, entre dois fogos e vitima inocente das tais fugas da vizinha tive de fugir para longe emquanto o Bach mão baqueou perante tão insolito e traiçoeiro ataque.

* * *

A má vizinhança é, porem, um defeito que todos nós infelizmente, mais ou menos possuimos.

Na verdade quem ha por aí que se importe que o vizinho de baixo esteja no seu primeiro sono, para que se coíba do atirar estrondosamente com as botas que descalça?

E uma bota que cai a altas horas, faz o efeito d'uma bomba.

Quem se importa mesmo que as cadeiras caiam, que os seus passos pesem e incomodem, que a cama estoire com a queda brusca do seu corpo e mesmo que o balde se entorne e a agua corra a ponto de obrigar o vizinho inferior a dormir de guarda chuva aberto?

Sim quem será capaz de gabar-se, de que não sentiu sempre uma absoluta indiferença á ideia de que o vizinho de baixo durma ou esteja acordado, esteja são ou doente, tenha o sono

leve ou pesado, seja nervoso ou cardiaco?

Nem sequer nos lembramos que ha vizinhos por baixo.

Constatamos apenas que os ha por cima; aos de cima acontece-lhes o mesmo e assim sucessivamente até ao 5.º andar.

Oh! felizes dos que vivem nas aguas-furtadas!

* * *

Tive em tempos a ideia feliz de morar num 1.º andar.

O meu quarto tinha porta para a escada. Era como eu, muito independente.

Por baixo não tinha vizinhos; o quarto ficava sobre a escada.

Apezar disso eu descalçava-me sempre com o maximo cuidado, para não acordar o guarda-noturno que, quasi sempre, ali fazia o seu primeiro sono.

Muitas vezes mesmo, ia do primeiro ao ultimo sem descançar.

Mas até certa hora eu tinha o meu sono entrecortado, pelos constantes ruidos da porta, das chaves e dos «la vai» contrariados do sobredito funcionario.

Algumas noites ainda conseguia dormir regularmente, embalado pelo resonar plangente do zeloso guarda; porem, outras, quando ele recebia a visita dos policias de serviço e resolviam instalar ali mesmo uma sucursal do parlamento o meu martirio era horrivel.

O guarda-noturno creio que tomava a presidencia, porque de vez em quando, o agitar do molho das chaves, chamava á ordem os varios oradores.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

VARIA

Pós de Keating contra a má visinhança

CONTINUADO DA PAGINA 7

Por fim habituava-me e dormia.

Mas por volta das 3, 4 horas, o vizinho de cima chegava, descalçava as botas e quantas vezes eu, que morava ao pé da Rotunda, me levantei extremunhado e em sobresalto, supondo que uma nova D. Bernarda, preparava mais uma fornada de herois.

Naquele quarto tinha um verdadeiro suplicio de Tantalo; tinha ali a cama convidativa, tentadora, abrindo-me os lençoes num gesto meigo de quem abre os braços para nos cingir contra o peito; mas se tentava possui-la, usa-la, aceder ao seu terno oferecimento, os genios do mal, na forma do vizinho em cima e do guarda noturno em baixo, não consentiam que eu gozasse o sono tranquilo que ela me prometia.

Alem disto e para a hipothese pouco provavel do impedimento de qualquer dos citados carrascos do meu pobre sono, umas ilustres vizinhas do 3.º andar, tinham a triste ideia de receber ás quintas-feiras, na forma de salsifrés modernos.

Emquanto, porem, elas cantavam e dançavam eu lá conseguia dormir, porque então quem sofria era o vizinho do 2.º andar. Nesse momento até me sentia um pouco vingado dos sofrimentos da semana.

Mas, altas horas, começavam as numerosas familias a sair e começava eu a dormir a prestações.

A 1.ª familia que retirava era para mim o sinal de alarme e já sabia que depois, até de madrugada, haveria sempre numerosos convidados a escoar do recheio dos salões do 3.º piso.

Porque nesses momentos aquela casa era positivamente o tonel das Danaides, mas a despejar.

Emfim naquelas noites eu e o guarda noturno não podiamos pregar olho.

* * *

Numa noite, porem, adotaram o cruel sistema de vir todos ao bóta fóra de cada familia que saía, enchendo a escada, dalto a baixo, de gargalhadas estridentes, de gritos, de piadas sonoras e de patadas tremendas dos varios matulões dançantes que resolveram vir ainda em fox e mesmo quasi a trote pelas escadas abaixo.

Um deles perante uma piada que toda a escada acolheu numa risada geral e numa gargalhada infernal, num ataque de riso, começou marrando na porta do meu quarto, com a furia de boi contra as taboas.

Cheguei a temer um ataque pessoal e puchando da colcha da cama que era encarnada e dum cavalo marinho em forma de bengala, cheguei á cautela e á falta de melhor trincheira, a colocar-me sob a protecção da barra da minha cama, disposto a passa-lo de muleta ou mesmo a fazer-lhe uma pega de «cara» ou que, pelo menos, lhe deveria sair cara.

Mas aquilo era demais.

Jurei vingar-me; e, furioso e mal dormido, preparei no dia seguinte premeditada e conscientemente, confesso, a minha vingança.

Comprei uma seringa de grosso calibre e uma porção de goma; coloquei junto da porta do meu quarto um escadote; abri na parte superior da minha porta uma especie de postigo que me permitisse manobrar; enchi d'agua a seringa, e aguardei os acontecimentos.

Eles, porem, não se fizeram esperar.

Dias depois teve logar um novo salsifré dançante.

Então, propositadamente acordado, esperei com verdadeira impaciencia o final da festa, para exibir então a explendida apotheose que lhes tinha preparado.

E radiante dizia com os meus botões do pijama:

—Cantem filhos, cantem que logo bebem.

Efectivamente não tardou que se chegassem á bebida.

Seriam talvez umas 5 horas, senti abrir uma porta e uma gralhada de vozes echoar pelas escadas abaixo.

Dum salto puz-me de pé e de atalaia.

Trepei ao escadote com os aparelhos da vingança, abri o postigo e esperei!

Estava radiante por ter chegado finalmente o momento de me desforrar e sentia-me feliz, apezar de ter estado toda a noite de vela.

Nisto uma creada tambem de vela acesa desceu. Ocultei-me um pouco e aguardei que o inimigo em massa se aproximasse.

Por toda a escada, soavam gargalhadas, gritinhos, correrias, e ruidos capazes de acordar um regimento.

No patamar superior e fronteiro á minha porta, D. Laura fazia comentarios e desfiava frases enigmaticas a respeita dum certo idilio; uma creada, um pouco mais abaixo, esperava de vela na mão; no patamar inferior, mas ainda ao meu alcance, o conselheiro marido esperava paciente; e mesmo junto da minha porta, por baixo do meu observatório, um casalinho arrulhava ternamente.

Então o conselheiro, impaciente, apressou a retirada queixando-se de frio.

Chegára, portanto a momento de lhe dar um calor.

Rapei da seringa e com esguicho certeiro apaguei a vela, depois alvejei o conselheiro, pombinhos e por fim a madama, que gritava aflita para as de cima: «ó filhas parece que foi um cano que rebentou».

A confusão foi tremenda; sentindo que o conselheiro subia novamente a escada, saquei dos pós de goma e emquanto o stock resistiu, foi um disparar constante em todos os sentidos.

Não contente com isto agarrei n'um frasco de kola que, por acaso, comprara e tinha ainda no meu quarto, e despejei-o todo sobre os pombinhos que estavam mais proximos do meu raio de acção, e que aproveitando a falta de luz, arrulhavam muito mais expressiva e ruidosamente.

Então bem vingado desci do meu posto.

A escada esteve ainda muito tempo no estado do chãos.

Depois sentindo que saiam, fui até á janela ver os efeitos dos meus projecteis.

Davam a impressão d'uma cegáda em quarta feira de cinzas. A' frente o conselheiro parecia o Walter.

* * *

A partir desse momento consegui dormir tranquilo. Creio que os convidados passaram a sair pela escada de serviço.

* * *

Vim a saber ainda por pórtas travessas, isto é, por intermedio de creadas travêssas, que os efeitos da minha vingança tinham excedido muito os meus desejos e a minha expectativa.

Assim, parece que os tais pombinhos foram vigiados e d'ai por deante guardados com sentinela á vista, porque ao fazer-se novamente luz na escada, foi um trabalhão para os separar e maior ainda o trabalho, para arranjar uma explicação satisfatoria, quanto á proveniencia daquela goma toda, que lhes escorria da cabeça aos pés.

Constou-me tambem que o conselheiro tinha estado a esticar com uma bronco-pneumonia.

Tambem não admira, ele já de si era muito bronco e depois ainda com a pneumonia...

AUGUSTO CUNHA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

QUADRO DE HONRA

15 DECIFRAÇÕES (Todas)

REI-VAX, FILHO D'ALGO, LHÁLHA, ROBUR, BISTRONÇO

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 48

QUADRO DE DISTINÇÃO

ZELIA BORGES, 13 — A. D. MEIRA, 13—ERRECÉ, 11—PATO BIGAS LIMITADA, 10—REIROBI, 8

DECIFRADORES DO N.º 48

DURAS DE ROER...

A n.º 15 «Grande Gradevo», da autoria de *Lhalha*.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Beijado, 2—Bemdita, 3—Glossario, 4—Azoar, 5—Aduana, 6—Mariola, 7—Asopo, 8—Asno, 9—Nuvem, 10—Azarcão, 11—Salva, 12—Salvé, 13—Tabola, 14—Osa, 15—Brusco.

CHARADAS EM VERSO

(Sonhando)

(1) Vê que grande *sorte*—2
temos minha amada!
Pois nem mesmo a morte
já de nós quer nada!

O *braço de rio*—2
d'agua tão clara,
deixa lá com brio
ir o barco á vára!

CHARADAS EM VERSO

Vejo então, amôr
que desta maneira
será nossa dôr
Canôa ligeira!

LHALHA

[A Filho d'Algo em agradecimento]

2) Obdecendo ao ditádo,
Vou pagar o meu quinhão,
Num grande muito obrigado
Sahido do coração.

As charadas a meu ver,
Tem esta grande *vantagem*—1
De entre nós todos manter
Sólida camaradagem.

Cada qual com o seu tema.
Apresenta um *problema*,—1
A seu modo e a seu gosto;

E ao vêr no «Moinho» a lista,
Fico logo charadista
Satisfeito e bem *disposto*.

Poato — ERRECÉ

(3) Alem, por aquela *serra*—2
Num *instrumento* tocando—2
Vai caminhando um *pastor*
Seu rebanho apascentando.

VASCO X. DIAS

CHARADAS EM FRASE

(4) *Ámanhã*, quando o sol fôr *alto*, devo já ter ingressado no *claustro*—1—1.

REI-VAX

(5) A *descoberta* do *vapor* fez-se quando caldeir vinha a *embicar*—3—1.

(6) A *morte* tem *juizo* e é *moderada*—2—2.

PATO BIGAS, LIMITADA

(7) ENIGMA FIGURADO

(Aos ilustres confrades do Moinho de Paciencia)

CORREIO DO

A. D. MEIRA.—Quem tem valor é sempre modesto..

PATO BIGAS, LIMITADA.—Não querem modificar o seu logogrifo?

REI-FERA

De tudo um pouco...

Os correios da morte

São trez os correios da morte: A desgraça, a doença e a velhice.

A desgraça anuncia que a morte está escondida, a doença, que já apareceu, e a velhice, que vem chegando.

Trocadilho

Um marido, cuja esposa tinha fugido com um tenor, dizia a um amigo:

—Imagina que a infame e o seu vil seductor tocavam todas as tardes ao piano, a quatro mãos: A partida.

—Por isso—responde o amigo—eles a executaram a quatro pés.

Mau presagio

Dois aldeões conversam:

—Se estas chuvas continuam, tudo vai sair da terra.

—Que desgraça! Eu que tenho duas mulheres enterradas no cemiterio!

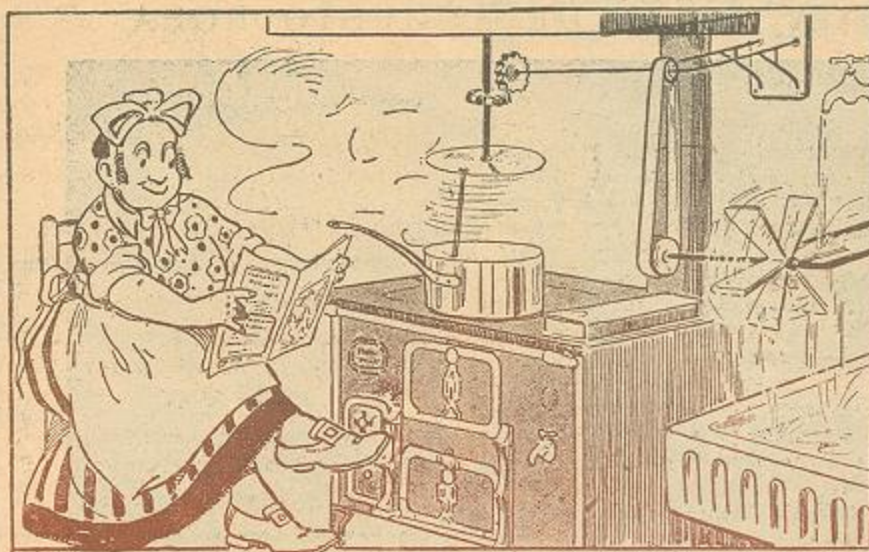
Antes que te chamem...

—Quem o prendeu?

—Dois policias, sr. Juiz.

—Por embriaguez, já se vê...

—E' verdade, sr. Juiz. Estavam ambos bebaos como cachos.

As bôas ideias do O DOMINGO

PARA NÃO «PEGAR» O FEIJÃO AO FUNDO DA PANELA!

Engenhosa disposição pela qual a sopeira pode até ler o *Domingo ilustrado* sem perigo de *bispo* no jantar. Abre a torneira que deixa cair a agua no moinho que ligado á correia sem fim pela roda-dentada, faz andar o disco onde está presa a colher de pau que mexe a panela...

De tudo um pouco...

No tribunal

—O Reu confessa ter roubado ao queixoso alguns fardos de palha. O que o levou a cometer esse roubo?

—A fome, snr. Juiz, a fome...

José Agostinho de Macedo

Uma noite, no repasto, distribuiram no refeitorio dos gracianos um prato de carne com muitos nervos.

José Agostinho de Macedo, então ainda frade, apurou, conforme poude, alguma febra; no prato ficaram tremelicando alguns nervos renitentes.

Então o frade levantou-se e bradou em voz alta:

—Não tremas que eu não te como!...

Definições

Passageiro de caminho de ferro: Bagagem que se carrega e descarrega por si propria.

Gratis: palavra tão extranha aos nossos ouvidos e costumes, que foi preciso ir busca-la ao latim.

Fortuna: especie de amante despresada, que busca ainda seduzir prodigalisa os seus favores a quem os não ambiciona.

Na boa hora

—Qual é a sua profissão?

—Embalsamador, para servir V. Ex.ª, sr Juiz.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

M.me PALMIRA.—Inteligencia pouco cultivada, nervos demais, generosidade bem entendida, optimismo, teimosias pueris, curiosidade, espirito religioso, egoismo, vaidade, boa memoria para detalhes, reserva, espertesa, supersticões.

PARAISO.—Boa inteligencia mas nada cultivada, caracter aberto ás paixões e á gúla, generosa umas vezes e má outras, ciumenta, sensualidade forte, desconfia de tudo e de todos, boa memoria, amor á dança, força de vontade para conseguir o que se propõe.

CAPRICHOSA.—Leia «Paraiso» que lhe vai que nem uma luva.

IVONE BRANCA.—Optimismo, boa memoria, generosidade, caracter suave e doce, amor aos livros e ás crianças, pouca vaidade e muito orgulho, inteligencia assimilavel.

ANTONIO MONDEGO.—Sentimento de poesia (á portuguesa), caracter dominador, energico, ideias largas, reserva quando precisa... leal até com inimigos, autoritario, mais esperto que inteligente, muito orgulho de si proprio, amor á verdade.

PAIXÃOSINHA.—Boa inteligencia, «charme» imaginação amadora e fantasista, vaidade exagerada, desconfiada e ciumenta, religiosa sem exagero.

JOSÉ BEMVINDO CRUZ. (Zurc)—Orgulho e vaidade, mais esperto que inteligente, generosidades prodigas, amor ao trabalho embora diga sempre que não gosta de trabalhar, ciumento, autoritario, amante de frases bonitas, sensualidade forte, economico de si proprio e diplomata para negocios, amigo da ostentação.

CAMONIONISTA.—Força de vontade, energia moral, originalidade, afavel no trato mas pouco comunicativo, bom gosto literario e esletico, lialdade, ordem, amor á sciencia, generosidade, amor á verdade, muito espirito.

ROSADASIA.—Caracter humilde, suave e dedicado, um tanto pessimista, habilidade manual, desconfiada... por experiencia, sentimento de poesia, generosidade bem entendida espirito religioso sem exagero, amor á verdade

ANITA (Americana do Sul)—Bom gosto, caracter fraco, comunicativa e suave, generosidade, espirito religioso, gosta de dançar, tem boa memoria.

ARMENIO.—O seu caracter não está formado ainda, em todo o caso é impulsivo, generoso e bastante guloso e calmo para a sua idade.

UMA CRENTE NO AMOR.—Fraca força de vontade, inteligencia pouco cultivada, curiosidade, generosidade bem entendida, bom gosto, nervos fortissimos e mal dominados, ciumes, espirito religioso, vaidade, sabe guardar um segredo ¡a pesar de ser mulher! amor á verdade.

ISSIS.—Um tanto vaidosa, bom fundo e bom coração mas não muito meiga, boa memoria e bom gosto, espirito religioso sem exagero, ordem, asseio, generosidade bem entendida, habilidade manual.

MACKINTOSH.—Força de vontade impaciente, bom gosto literario, amor aos seus, e aos extranhos, generosidade bem entendida, dá a quem deve dar e como se deve dar, pouca vaidade mas muito orgulho, mais esperto que inteligente, reservado, administra-se bem, habilidade manual, boa memoria, ordem.

EUSEBINHO.—Leia Picoinhas que se lhe parece muito.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

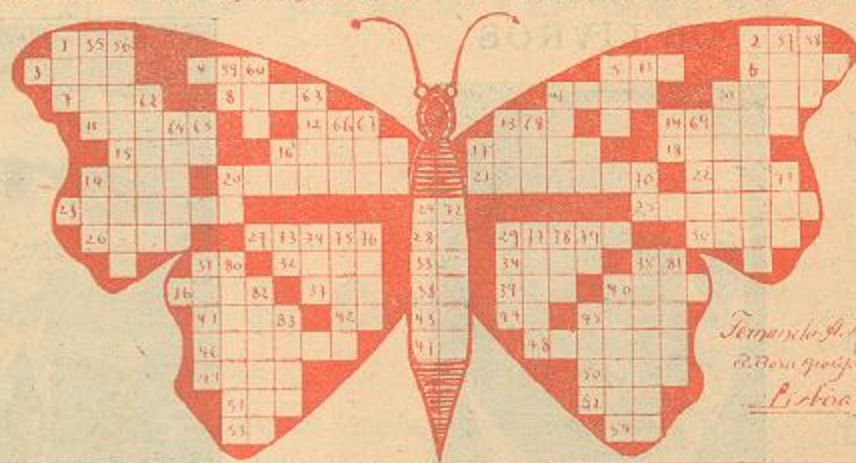
As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

Horisontais: — 1—Batraquios 2—Feria 3—Salto 4—Retumba 5—Planta da China 6—Planura 7—Sala de ensino 8—Destino 9—Frente do navio 10—Nome do Salvador 11—Tisico 12—Boi 13—Chefe duma Nação 14—Que não deixa atravessar a luz 15—Tempos 16—Abafos 17—O que atenua os balanços dos carros 18—Legume 19—Honrado 20—Invoquei-a 21—Fabricas de louça 22—Pé de animal 23—Mulher ilustre 24—Partir 25—Recorrera 26—Plano 27—Cavalga 28—Entrega 29—Femeas do pato 30—Moeda italiana 31—Aqui 32—Adoram 33 Ele em francês 34—Liquido gorduroso 35—trevista amorosa 29—Colocas 31—Chóro 35—Canôas muito longas 40—Como o boi bateu 45—Numero 55—Faz caír 56—Mulheres livres 57—Oro 58—Tres letras de TULE 59—Artigo (plur.) 60—Suspiros 61—Existe 62—Do ar (plur. e masc.) 63—Anagrama de MARÉ 64—Planta rubiacea 65—Artigo (plur.) 66—Pronome pessoal 67—Conheço 68—Pronome pessoal 69—No que nós escrevemos 70—Nome de homem 71—Altar 72—Martirizais 73—Batraquio 74—Unidade de resistencia electrica 75—Instrumento do bilhar (plur.) 76—Sentimento 77—Deus dos arabes 78—Chá em inglês 79—

1.º Premio do nosso concurso de problemas de palavras cruzadas

Instrumento 36—Não fale 37—Reflexo da voz 38—Nota de musica 39—Pron. terceira pessoa (fem.) 40—Carinho 41—Rio que limita a Alemanha 42—Ouro em francês 43—Duas vogais eguais 44—Nome de homem 45—Peso 46—Cavalos novos 47—Artigo (plur.) 48—Asco 49—Encargo 50—Levante 51—Particula grega que denota falta 52—Retumba 53—Folga 54—Duas letras de P U S

Verticais: — 1—Via publica 2—Acautelára 5—Filtra 9—Voz do môcho 10—Porco espinho 13—Lista 16—Instrumento 17—Pedra do Moinho 19—Ferro em francês 20—Aqui 24—Entre... Duas vogais 80—Pôr côr de leão 81—Adorára 82—Entulhei 83—Anagrama de SORO.

Solução do ultimo numero. Horisontais: — 1—Pi 2—Trato 3—Vi 4—Ar 5—Ar 6—Mór 7—Luz 8—Lá 9—Az 10—Cinco 11—Terra 12—Eirel 13—Escol 14—O B 15—Ir 16—Eça 17—Fel 18—Ar 19—Dá 20—Ia 21—Trapo 22—Ai.

Verticais: — 1—Pá 3—Vaza 8—Litro 10—Crê 15—Ilda 18—Ai 23—Irma 24—Orion 25—Ir 26—Zelar 27—Ias 28—Ceu 29—Oil 30—Curva 31—Bera 32—Ai.

Decifradores do numero 48: — ANTIGONE.

Actualidades gráficas

A NOITE DE AUGUSTO ROSA

BELAS ARTES

A grande ilustradora e pintora D. Raquel Roque Gameiro Ottolini, que com seu irmão, Manuel, outro artista cheio de merito e herdeiro das supremas faculdades de seu pae, exibem actualmente numa das salas de o «Domingo ilustrado», uma notabilissima exposição de arte.

O sensacional espectaculo que o nosso jornal, d'acordo com a Revista de Teatro, vai realisar no Teatro S. Luiz, tem despertado já no publico o mais vivo interesse. O genial artista, que ainda não fôra consagrado por nenhuma homenagem postuma, sê-lo-há nessa noite, com a representação da sua peça inedita, e com um acto de consagração cheio de brilhantismo. A nossa gravura representa Augusto Rosa na sua admiravel creação da peça de Bernstein, «Samsão»

A NOSSA FESTA

A notabilissima artista Amelia Rey Colaço cuja florescente carreira é uma gloria para o teatro português e que representará um dos papeis da peça do seu mestre querido Augusto Rosa, na festa que dedicada á sua memoria estamos preparando.

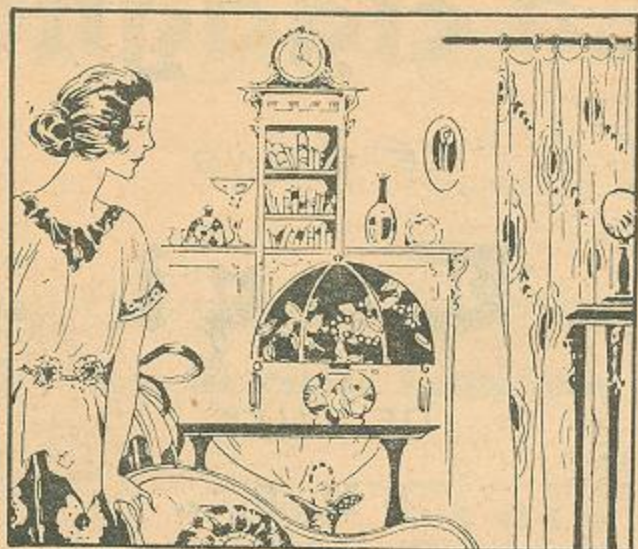
OS LIVROS

Oldemiro Cesar, brilhante jornalista que acaba de publicar um livro notavel de impressões de viagem e de reportagem, sob o titulo «Terras de Misterio».

A NOSSA FESTA

Afonso Lopes Vieira, eminente poeta, que evocará á figura do seu dileto amigo Augusto Rosa, no grande acto de consagração que lhe vamos promover no Teatro S. Luiz.

NO TEATRO

José Climaco, actor-ensaiador que um grupo de amigos festeja numa recita de homenagem no Teatro Politeama, na proxima noite de 31.

Não é pelo dinheiro

que custam, e sim pelo CONFORTO e DISTINCÇÃO que proporcionam, que se avalia o quanto valem os

MOBILIARIOS, TAPEÇARIAS e DECORAÇÕES da

CASA

OLAIO

36 - RUA DA ATALAIA - 40

Joias antigas e modernas

Barreto & Gonçalves

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 17

LISBOA

Dinheiro

Empresta-se sobre tudo o que ofereça garantia, a juro barato e convencional

CARVALHO CRISPIM, L.DA

Rua de S. Pedro d'Alcantara, 45, s/l

FACILITAM-SE OS PAGAMENTOS

RAPIDEZ *SIGILO*

Fabrica de Papel da Abelheira

Tojal

Guilherme Graham Junior & Companhia

Especialidade em papeis de escrita, impressão de diversas qualidades, imitação de couche, cartazes, embrulhos finos e grossos, qualidade extra.

EM EXISTENCIA E POR ENCOMENDA — FORNECEM-SE AMOSTRAS

DEPOSITO

152, RUA DA ALFANDEGA, 156

TELEFONES C. 4180—4181—4182

LISBOA

Publicidade

Sociedade Portugueza d'Oleos, L.da

OLEOS—MASSAS CONSISTENTES—CORREIAS

Deseja Boas Festas e um Novo Ano cheio de felicidades aos seus estimados clientes.

ARMAZEM: *QUINTA DO ALMARGEM* *JUNQUEIRA*

ESCRIPTORIO: *RUA DO ARSENAL, 146, 1.º* TELEFONE C. 2317

LISBOA

Retrozaria Moderna

AS ULTIMAS NOVIDADES DE PARIS

60, R. dos Retrozeiros, 62

"La cigogne"

LE GRAND

Taxi

DE LUXE

8 H. P.

ENCOMENDAS A

Guilherme Pereira de Carvalho J.or

Praça Duque de Saldanha, 1, 1.º

Os carros *Cigogne* são admiraveis para o serviço urbano de taxis e estão sendo os preferidos nas grandes capitaes.

O DINHEIRO DUM TAXI ENTRA EM CAIXA DENTRO DUM ANO

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.DA

Grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escriptorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flôres e muitos outros artigos

SECÇÃO DE TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

GRANDE SORTIMENTO DE OBJECTOS PARA PINTURA A OLEO E AGUARELA

Praça Luiz de Camões, 43 — LISBOA

Telefone C. 1040

Gabriel de Sousa, L.da

RUA DO OURO, 118

Guarda-chuvas, Bengalas e Sombrinhas

Deseja bôas festas aos seus clientes

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

---

43 — Rua de S. Julião — 45

ARMAZEM

DE

QUINQUILHARIAS,
CUTELARIAS,
BRINQUEDOS
E BIJOUTERIAS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ENCONTRA-SE A' VENDA EM TODAS AS TABACARIAS

Publicidade

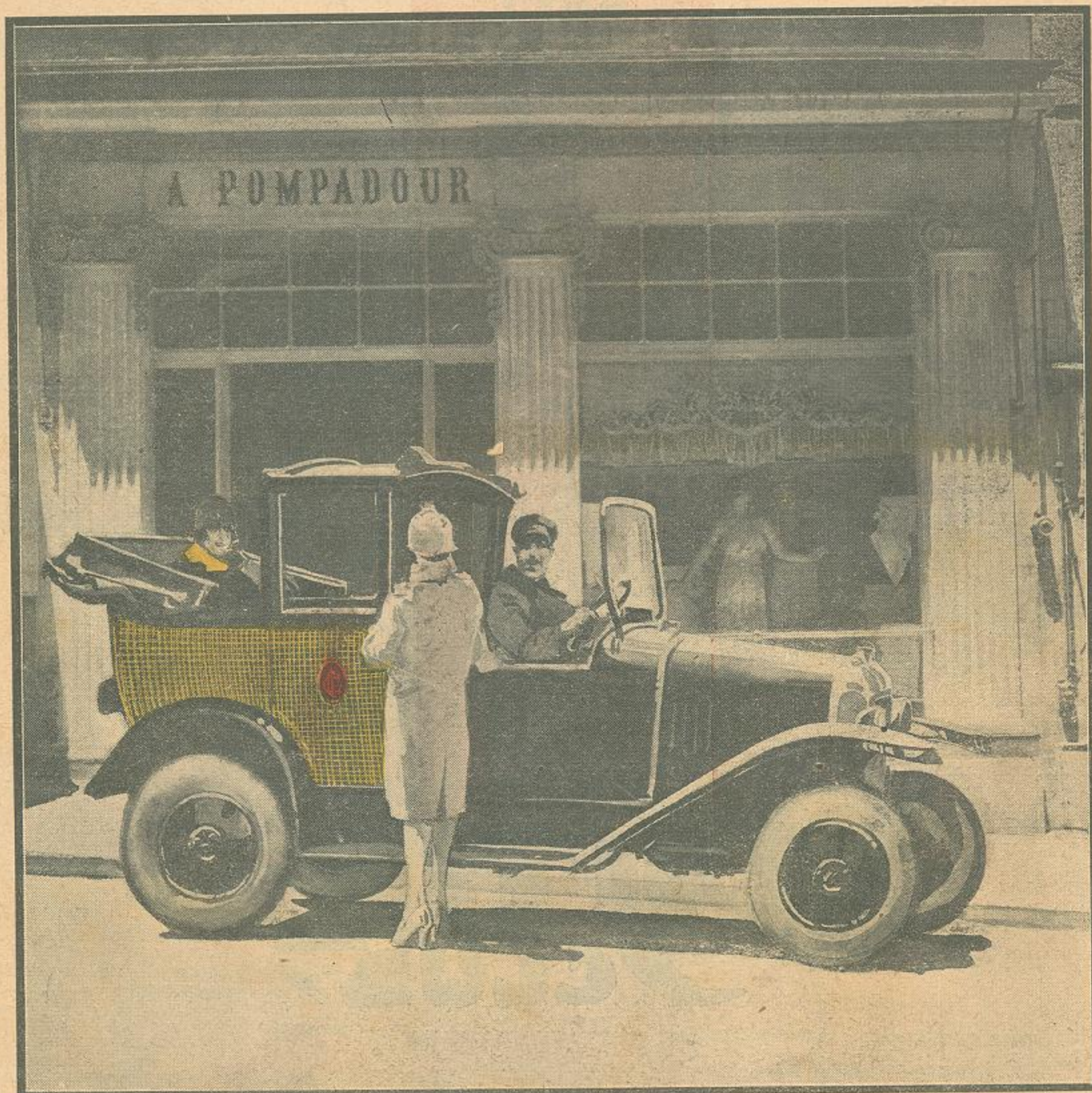
BRISTOL
CLUB
BRISTOL
CLUB

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

Lisboa elegante e moderna

A' porta da elegantissima *étalage Pampadour* no Chiado, as mulheres *chics* de Lisboa, apeiam-se duma deliciosa *limousine Citröen* da Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs, cujos carros vieram dar á cidade uma tão grande nota de civilisação.